

# Donald Fowler, Antecedentes do Antigo Testamento, Aula 5, Filosofia Religiosa do Paganismo

© 2024 Don Fowler e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Don Fowler em seu ensinamento sobre os antecedentes do Antigo Testamento. Esta é a sessão 5, Filosofia Religiosa do Paganismo.

Bem, mais uma vez, bem-vindo de volta. Temos acompanhado o desenvolvimento dos fenômenos de centralização até este ponto, e assim partimos de Sargão, que na verdade nunca reivindicou a divinização, mas que realmente transformou todo o conceito de centralização em algo dramaticamente novo. E nós o vimos fazer isso, e então vimos Naram-Sin, que teve dois descendentes depois dele, nós o vimos se engajar em uma autodivinização completa. Então, estamos quase onde vamos, que é explicar-vos, através deste fenômeno de divinização real, como podemos compreender os conceitos centrais do paganismo.

Não o paganismo no nosso mundo, o paganismo no mundo deles. E assim, é um dos conceitos mais importantes do nosso tempo juntos porque quando você lê as páginas do Antigo Testamento, os israelitas ficam realmente atraídos; eles foram tentados, aparentemente, de forma poderosa, pelo modelo cananeu. E acho que precisamos entender qual é esse modelo para entender a nossa Bíblia, e então, ao entender esse modelo, estaremos mais em posição de entender como o paganismo pode nos tentar hoje, dado o fato de que parecemos completamente diferentes configurações mundiais.

Então, acho que isso é muito importante e sei que é muito tempo para pedir que você analise esse material comigo, mas acho que será útil à medida que tentarmos absorver esse modelo. E devo acrescentar que penso que é também um modelo para compreender escatologicamente o que pode estar no horizonte quando pensamos numa era final. E então, é para lá que estamos indo.

O último rei deste período, o período Sargônico, é chamado de Antigo Período Acadiano. E o último rei desse período é Shar-Kali-Sharri. Shar-Kali-Sharri, acredite ou não, é mencionado no Livro do Apocalipse.

Bem, ok, então estou sendo jocoso. Shar-Kali-Sharri não é mencionado como a pessoa no Livro do Apocalipse, mas o nome de Shar-Kali-Sharri significa rei de todos os reis. E falamos anteriormente sobre títulos reais.

Rei de todos os reis é um título real usado por Cristo no Livro do Apocalipse. Então, é um título real. Aqui, é o nome pessoal de um rei.

Ele governou por 25 anos ineficazes. A evidência de sua divinização é muito mais escassa do que a de Naram-Sin. Há uma dissolução gradual de seu império.

Ele parece ter sido enfraquecido pela infiltração de um grupo de pessoas chamado Guti. Depois de Elam, que fica no sul do Irã e não no Iraque, o Irã conquistou a sua independência e houve uma rápida desintegração à medida que as cidades reivindicavam a sua própria independência. Com o seu assassinato, o caos desceu sobre a Mesopotâmia.

Este é um paradigma que se repetirá ao longo dos fenômenos dos impérios no antigo Oriente Próximo. O que queremos dizer é isso. Continuo usando a palavra centralização.

Por centralização, estou falando da centralização do poder em uma pessoa. O que acontece quando você está profundamente centralizado é que esses impérios entram em colapso assim, de repente. É o que acontece no reinado de Shar-Kali-Sharri.

Porque está centralizado nele, se a sua liderança se tornar ineficaz, não há apelo para mais nada. É apenas um colapso. O Império Assírio entrou em colapso rapidamente.

O antigo Império Babilônico entrou em colapso rapidamente. O Império Persa entrou em colapso rapidamente. O Império Grego seria uma exceção. Embora tenha entrado em colapso rapidamente quando Alexandre, o Grande, morreu, o império se dividiu.

Mas é um fenômeno que se caracteriza pelo que chamamos de centralização excessiva. Então, sem mais nem menos, este império altamente centralizado chega a um fim repentino e dramático. Agora, vamos nos apressar um pouco aqui.

O período entre o antigo período acadiano e o período Ur III. É um período intermediário e dura várias centenas de anos. A grande cidade suméria, Lagash, atinge o seu auge.

Isso meio que criou um império no sul sob a liderança suméria. Porém, não vamos falar desse período intermediário, embora se tivéssemos tempo para fazê-lo, acho que poderia fazer algumas observações interessantes para vocês. Mas em vez disso, falaremos sobre o período Ur III.

Então, esse período de Ur III durou cerca de cem anos, dependendo da cronologia que você está seguindo, de 2150 a 2050, ou de 2100 a 2000. Mas são cerca de cem anos. É chamado de período Ur III porque os reis listados na lista de reis sumérios estão listados como a terceira dinastia de Ur, e é por isso que é chamado de período Ur III.

É também conhecido como Renascimento Sumério ou Verão Indiano da civilização Suméria. Agora, não sei se vocês sabem, mas eu vim do Centro-Oeste e lá conversamos sobre Indian Summer. O Indian Summer era um fenômeno no outono, quando você recebia uma última visita do verão antes do início do inverno.

E claro, as pessoas que moravam lá reconheceram porque chegou tarde e sabiam que não durou muito, mas foi maravilhoso. Bem, o verão indiano significa que o inverno está quase chegando para essas pessoas notáveis chamadas sumérios. E então, o que isso significa é que quando este período terminar, o fim da Suméria chegará.

Essas grandes pessoas literalmente inventaram a grande maioria das coisas que tornaram a civilização grande, e ainda assim elas vão passar rapidamente agora, e os semitas triunfarão. Então, com isso em mente, podemos ver o fundador desta dinastia. Seu nome era Ur-Nammu.

Ele foi seu fundador e ficou mais famoso por seu código legal. Agora, não é o primeiro código legal, mas é um código legal, e falaremos sobre leis também mais tarde. Temos uma foto de seu zigurate e, como você pode ver, o zigurate era realmente muito grande e muito bem feito.

Posso dizer que você tende a pensar que a parte do templo do zigurate estaria no topo, mas não estava. O templo estava na verdade no fundo, então a razão para a estrutura ser tão alta era teologicamente, e veja bem, a maneira como eles pensavam é que os deuses estão lá em cima, e nós estamos aqui embaixo, e a maneira como esses dois se conectam é através de uma ponte. Você se lembra da famosa Torre de Babel? Não era uma torre para alcançar o céu.

Era uma torre para conectar o céu com a terra para que houvesse uma conexão. Você se lembra quando Jacó, no livro de Gênesis, teve seu sonho e viu anjos subindo e descendo uma escada? Não sei se você já pensou nisso, mas as escadas não têm várias pessoas subindo e descendo. Sabemos que as escadas ainda nem foram inventadas e sabemos que não era uma escada.

Era uma rampa, e é isso que temos aqui no zigurate. Se você olhar com atenção, poderá ver múltiplas rampas, que são projetadas para fornecer a oportunidade para a divindade descer a rampa e entrar no templo na parte inferior, onde uma sala era mantida pelo deus ou para o deus. O local de encontro era realmente no topo, mas o propósito do topo era fazer com que a divindade descesse para poder entrar no templo.

Este é um lindo zigurate de Ur-Nammu, e Ur-Nammu funda esta nova dinastia, mas algo sinistro acontece com Ur-Nammu sobre o qual preciso contar a vocês, o que tem sérias

implicações. Ele foi morto em batalha. Agora lembre-se, da maneira que... bem, é claro, você não se lembraria porque ainda não lhe ensinei sobre isso, mas no mundo antigo, coisas ruins aconteciam com pessoas que faziam coisas ruins.

Coisas boas aconteciam com pessoas que conseguiam descobrir o que os deuses queriam que fosse bom. Foi uma questão de causa e efeito, e falarei longamente sobre isso. Então, quando Ur-Namu morre em batalha, isso é interpretado como se ele devesse ter desagradado aos deuses.

Isto seria particularmente verdadeiro porque o último rei do antigo período acadiano, como vocês se lembram, Shar-Kali-Sharri, morreu e também foi morto em batalha. No Antigo Testamento, poucos reis são mortos em batalha. Os reis faziam tudo o que podiam para evitar serem mortos em batalha porque as implicações teológicas disso eram autocondenáveis.

Assim, os reis ficariam fora de perigo porque perder a batalha era perder a guerra. Então, ele mesmo fundou a dinastia, mas é seu filho Shulgi quem detém destaque. Ele governou por 48 anos, e este foi um período de monarquia absoluta, com Shulgi como o exemplo supremo disso.

Isso é tão centralizado. A civilização Ur-Três Suméria está agora tão centralizada que não há terras privadas. O rei é dono de tudo.

Isto é o que quero dizer sobre esta centralização de poder cada vez mais intensa. Então, o rei é dono de todas as terras. Ele é um monarca absoluto e o estado é altamente centralizado.

Em essência, quando você olha para tudo isso, o que isso diz é que Shulgi não reflete a cultura dos sumérios. Neste tipo de comportamento, a cultura de Sargão triunfou. A centralização do poder no rei e a propriedade de todas as terras pelo Estado é o triunfo de Sargão, o Grande.

Assim, uma das características interessantes do seu reinado é a ênfase sem precedentes na autodivinização. Agora, vou analisar meus cinco pontos, mas deixe-me dizer para onde estamos indo. Estamos indo finalmente para esta seção das notas de aula.

Como podemos explicar a divinização dos reis? Por que estava lá? Você vai achar isso muito interessante. Mas até chegarmos lá, queremos conversar sobre as evidências de seu rei. Nenhum rei na Mesopotâmia foi tão divinizado como este rei.

Agora, se você ensina mal história, essa é uma pergunta que você poderia fazer. Boas questões de história abordam a questão de por que ele era tão autodivinizado? Boas perguntas sobre história perguntam: qual foi o propósito disso? OK? Então, estou

listando para vocês as evidências de sua divinização, mas elas não nos explicam o que estava acontecendo, e farei isso por vocês. Acho que este rei usou o determinativo divino antes de seu nome mais do que todos os reis juntos até este ponto.

Ele deixou bem claro para o mundo inteiro que ele era uma divindade. Então, uma das coisas que você vê é que você nunca vê o nome dele, ou se vê, não sei onde estão os textos, você nunca vê o nome dele sem o determinante divino na frente do nome dele. Em segundo lugar, a hinologia real revela a sua deificação.

Tudo bem , isso não diz muito, mas é porque espero que você ouça enquanto explico. Eu entendo que no mundo de hoje não estamos acostumados a ouvir palestras e, claro, quando estamos ensinando assim, é uma espécie de diálogo porque não tenho chance de lidar com suas dúvidas, mas eu colocar as coisas em minhas anotações de aula de forma enigmática, a fim de dar ao aluno a ideia geral, sem dar a ideia completa. Por hinologia real, o que queremos dizer é isto.

Shulgi escreveu uma literatura em seu nome para a deusa feminina Ishtar. Ela é conhecida pelo nome sumério, Inanna, e é uma literatura altamente erótica. Este é o primeiro. Não é como se não houvesse alguma coisa erótica acontecendo entre Kings e Inanna até agora, mas ele tem toda uma biblioteca de documentos escritos celebrando o relacionamento sexual que ele tem com Ishtar.

Amor altamente erótico. Muitas vezes me perguntei, não estou preparado para lhe dar uma resposta, muitas vezes me perguntei se há algo a ver com isso nos Cânticos de Salomão na Bíblia, porque mesmo que não seja altamente erótico, é definitivamente claramente sexual . E então, eu me perguntei, mas não tenho experiência para responder a isso.

Terceiro, ele faz oferendas regulares à sua estátua. Este é o primeiro. Ok, deixe-me explicar o que você quer dizer.

Então, você viu o zigurate. Eu lhe disse que a verdadeira seção do templo ficava na parte inferior. Lá, uma estátua da divindade foi colocada, e então, na teologia deles, a divindade descia e habitava a estátua.

Nessa condição de descer e habitar a estátua, a estátua então magicamente, porque a magia era uma grande parte disso, a estátua então comeria magicamente a comida que lhe foi oferecida, e o adorador agradaria ao deus. Bem, curiosamente, Shulgi tem sua própria estátua colocada ali e depois recebe adoração como se fosse o deus. Na verdade, esta estátua de Shulgi poderia ser enviada rio acima ou rio abaixo para várias cidades, e lá a estátua receberia adoração.

E na verdade, ele era, para todos os efeitos práticos, um deus encarnado. Quarto, após sua morte, ele é declarado uma estrela do calendário. Agora isso não faz absolutamente nenhum sentido.

Então deixe-me explicar o que quero dizer com isso. Lembre-se, mencionamos um pouco antes que no mundo antigo, eles pensavam que as estrelas eram divindades. Se você já... quem nunca olhou para uma noite estrelada? Parece que as estrelas estão brilhando como se estivessem animadas.

Eles entenderam que isso era uma evidência de que as estrelas estavam vivas. E então, quando você lembra que as estrelas também se movem dependendo da estação em que estamos, parece que a estrela fez uma viagem através do horizonte de um lugar para outro. Então, você se lembra quando eu lhe disse na lista de reis sumérios, propaganda para a realeza, que os deuses baixaram a realeza do céu como um presente de Deus.

O que Shulgi está fazendo é inverter o procedimento, porque quando ele morre, e esta é uma das coisas sobre a divinização dos reis, isso foi a proverbial mosca na sopa. Já que todos os reis morrem, como você explica o fato de ele ter morrido, já que é um deus? E da maneira como explicaram, Shulgi provavelmente subiu a rampa do zigurate, subiu a rampa para os céus, onde assumiu sua posição como uma das estrelas e agora foi imortalizado para sempre como um ser celestial, não apenas terrestre. Quinto, seus títulos reais são os dos deuses, e seu nome é usado por outros como se ele fosse um deus.

Para tentar ilustrar o que queremos dizer com isso, falamos anteriormente sobre como todas as divindades têm títulos reais. Na verdade, é realmente fascinante. É uma das coisas que eu gostaria de ter feito na minha vida.

Eu não tive tempo para fazer isso. Mas seria muito interessante comparar os títulos reais das divindades da Mesopotâmia e ver quantos deles são realmente usados para o deus de Israel, já que são todos títulos reais. Mas o interessante sobre ele é que ele usava seu nome como se tivesse seu nome usado como se fosse um deus.

Deixe-me ilustrar. Quando morei em Indiana, tive um relacionamento incomum com o banco. Sempre quis gastar mais dinheiro em livros do que aquilo que tinha.

E minha esposa pode te dizer que quando nos casamos combinamos que ela ficaria com o talão de cheques porque senão teríamos, como ela disse, todos os livros e nenhuma casa. Então, gastei uma quantia enorme de dinheiro no Primeiro Banco Nacional de Varsóvia, Indiana. Bom, gastei tanto dinheiro que o cara de quem fiz amizade resolveu agilizar todo o procedimento.

E então, o que eu faria é literalmente ligar para ele e dizer: Joe, na verdade, a neta dele era uma das amigas da minha filha, e eu disse: Joe, preciso de algum dinheiro para livros. E ele simplesmente me dizia: de quanto você precisa? E eu diria a ele, bem, preciso de US\$ 500. E ele dizia, ok, vou deixar o cheque na mesa.

Tudo o que você precisa fazer é passar por aqui e retirá-lo. Nunca o vi, nunca fiz isso e nunca atrasei um pagamento em minha vida.

Acabamos de ter um ótimo relacionamento. Porém, mesmo confiando totalmente em mim, ele sempre me obrigava a fazer alguma coisa. Ele me fez assinar meu nome.

Foi isso que tornou tudo legal. Eu literalmente não poderia ter recebido o cheque sem assinar meu nome. Bem, no mundo antigo, quando você conduzia uma transação comercial, eles não assinavam seus nomes.

O que eles fizeram foi prestar juramento em nome de um deus, e isso era o mais sagrado possível, porque se você quebrar o juramento, você pode perturbar o deus, e então o deus pode tirar sua vida. Isso sempre foi algo contratado em nome de uma divindade. Shulgi teve seu nome usado nesses contratos como se fosse um deus.

Com certeza parece que Shulgi estava reivindicando a divinização em um nível que não é totalmente, não há nada parecido até agora. Em um minuto, responderemos às perguntas sobre isso e depois usaremos isso como trampolim para a palestra final que teremos neste dia aqui. Ou seja, qual é a teologia por trás de tudo isso? Antes de fazermos isso, quero falar brevemente com vocês sobre o casamento sagrado.

Este foi o evento mais importante do calendário, pelo menos no quarto e terceiro milênio aC. Na antiga Suméria, uma deusa ganhou importância na história da Suméria. O nome dela era Inana.

Você provavelmente a conhece melhor como Ishtar. Ela se identificaria com outras deusas femininas, como o planeta Vênus, Ishtar na Mesopotâmia e Astarte em Canaã. Essa deusa apareceu no mito como irmã, filha, amante, noiva e viúva, mas nunca como mãe ou esposa.

Agora, isso é interessante, mas não temos certeza do porquê. Ela era a divindade titular de Uruk, a cidade de Uruk, cujo governante era o sacerdote final que vivia em Gípar, uma seção do templo de Inanna onde provavelmente serviu como seu marido. O fim, que é a palavra suméria para governador, foi escolhido por causa de algum feito ou realização notável.

Mais tarde, a liderança religiosa de Uruk mudou em Nippur, que era governada por Enlil, o deus da tempestade. Quando Sargão conquistou a Suméria, ele ordenou que

Enlil criasse Inanna, a divindade tutelar de sua dinastia. Sargão elevou Ishtar à proeminência.

Este evento abriu caminho para o casamento sagrado que ocorreu mais tarde, o evento em que a vida foi renovada na virada do ano através de um casamento ritual do rei e da deusa. Essa seria a sacerdotisa de Ishtar. A evidência mais antiga desta união física ocorreu durante o período de Uruk , quando o rei assumiu o papel de Dumuzid, marido de Inanna, e o casamento sagrado foi realizado em Uruk , no templo de Inanna.

Isto revela uma mudança nas realidades políticas na antiga Suméria, do templo para o palácio e das mulheres para os homens. Inanna se torna o meio pelo qual os reis de Uruk reivindicam o governo da Suméria como seu marido escolhido. Ela se torna a consorte do rei, representando a mudança política no poder da mulher para o homem, isto é, da divindade para o poder real humano.

Um detalhe adicional parece acompanhar esta divinização do papel. Para assumir seu papel como consorte de Inanna, ele deve atuar com sucesso no campo de batalha. Sua vitória ali o torna desejável para Inanna, que é, em sua essência, uma deusa da guerra.

Assim, a mudança na religião do antigo período acadiano para Uruki significa que o poder passa para o rei, representado na união física do rei e Inanna. Digo tudo isso para deixar claro para você. Neste mundo altamente centralizado de hoje, a união sexual do rei com a suma sacerdotisa de Inanna foi concebida para trazer fertilidade a todo o reino.

A razão pela qual puderam confiar nesta união física para fazer isso foi porque o rei demonstrou o amor de Inanna por ele como seu parceiro sexual ao vencer uma importante batalha. Eu gostaria que isso fosse explicado um pouco para você, porque eu disse muito lá. Era uma cultura altamente centralizada.

Nesta cultura centralizada, o rei poderia trazer fertilidade para toda a sua terra com uma união sexual que ocorria anualmente. Mas para que isso ocorresse ano após ano, o rei teria que vencer uma grande batalha. Foi exatamente isso que aconteceu com .

A cidade de Akkad foi libertada de uma invasão. Foi exatamente isso que aconteceu com Shulgi . Os primeiros 20 anos de seu governo de 48 anos foram passados em batalha.

Então, o que isto nos diz é que esta união sexual se tornou teológica... É tão estranho para nós pensarmos sobre sexo e teologia na nossa cultura, mas esta união sexual foi o evento teologicamente monumental do ano civil. Achamos que tudo começou há

muito tempo, mas agora o lugar do rei estava centralizado no período Uruk . Então, como devemos entender isso? E é aqui que eu gostaria de chegar ao cerne de como entendemos a forma como os antigos pensavam, como entendemos que é ao mesmo tempo radicalmente diferente, mas quase idêntica à forma como podemos pensar hoje.

Como isso pode ser explicado? Nesta cultura profundamente centralizada, a religião estava agora centralizada na pessoa do rei. Mas o que isso foi projetado para realizar? O que digo aos meus alunos é que a religião no mundo antigo, ao contrário da religião no nosso mundo, era funcional. Quando Peg e eu vamos à igreja, muitas vezes o que procuramos é uma bênção.

O que isso se traduz em nosso pensamento é um momento de elevação espiritual. Procuramos um sentimento de Deus que nos convença de que Deus está presente conosco. É profundamente estético.

Provavelmente remonta em parte às nossas origens europeias. Na Europa, estas catedrais foram construídas para serem obras-primas estéticas. Para usar um adjetivo contemporâneo, tiveram um efeito nuclear.

Você entrou e chegou à sua catedral e a torre da catedral era muitas vezes mais alta do que qualquer outro lugar do país. Você entrou e a estrutura estava ornamentada com ouro e tudo que se possa imaginar para atender às suas necessidades estéticas. Você ouviu um coro.

O coral era profissional, projetado para ressoar quase sobrenaturalmente o som da divindade. Você consegue ouvir aqueles sons gregorianos, aqueles que ecoam nestes cavernosos, todos falando como se Deus estivesse com eles? Esquecemo-nos, talvez, que nas origens da forma como fazemos religião, a experiência europeia provavelmente replicou algo muito anterior à Europa, e que é esta necessidade de experimentar esteticamente. Bem, acho que os seres humanos gostam de estética.

Acho que gostamos de uma sensação espiritual. Mas no mundo antigo, a religião precisava ser funcional. Portanto, não tenho certeza de quanto tempo me resta aqui hoje antes de ultrapassar seus poderes de escuta, mas o que gostaria de lhe dizer é algo importante.

A religião foi projetada pelos antigos para funcionar, para criar, para realizar. Não é exatamente como a religião em nossa cultura. Você sabe, vou receber um contracheque amanhã.

Quer venha da Liberty University ou da minha conta de segurança social, terei um contracheque. No mundo antigo, não funcionava assim. Todo o seu mundo girava em torno do perigo.

Sabemos pelos esqueletos que a pessoa média pode nem ter atingido a expectativa de vida média, pode nem ter chegado aos 50 anos. Sabemos pelos esqueletos que cerca de metade das crianças que nasceram morreram antes dos cinco anos. Eles viviam num mundo onde as doenças nas colheitas pareciam ser onipresentes, onde a catástrofe poderia ocorrer no sentido de talvez chuva demais ou chuva insuficiente, e onde, por razões completamente misteriosas para eles, seus animais poderiam morrer.

Eles viviam neste mundo em que aparentemente estavam a apenas um ou dois dias do desaparecimento, da morte. Os seres humanos não gostam do conceito de que não se pode fazer nada a respeito. Então o que eles fizeram foi criar para si próprios, em nome da religião, um meio pelo qual toda aquela angústia que acabei de descrever pudesse ficar sob controle.

Então, o que eles precisavam no seu mundo era prosperidade ou fertilidade. Tente imaginar como deve ter sido o horror de ser agricultor. Você sabe, você não tem como armazenar muita comida.

Tente imaginar o horror de plantar cevada e/ou trigo em seu campo, especialmente na Mesopotâmia, à medida que o solo se tornava cada vez mais salinizado. Eles plantaram cada vez mais cevada porque a cevada é mais resistente que o trigo. Tente imaginar o horror de você plantar tudo isso.

Você esgotou suas sementes e, no meio da temporada, você olha para fora e vê todo o seu campo ficando amarelo. Ou talvez você olhe para fora e veja seu campo sendo comido vivo porque uma horda de gafanhotos acabou de passar. De repente, para colocar na gíria, você está frito.

Não há banco de alimentos. Não há lugar onde você possa ir para ser entregue. Você tem que descobrir uma maneira mágica de permanecer vivo.

Bem, os antigos viviam com isso diariamente. Eles precisavam ter fertilidade ou morreriam. Se seus animais não produzissem bebês, então, no final das contas, o animal morreria.

E então, no final das contas, eles morreriam. Então, o que eles procuravam era tentar tornar a religião funcional, proporcionando-lhes fertilidade e prosperidade. Agora, gostaria apenas de extrair uma palavra aqui porque sei que na América neste momento temos algo chamado evangelho da prosperidade.

O que queremos dizer com isso em nossa cultura é que a fé em Deus pode torná-lo rico. Se você tiver fé suficiente, poderá dirigir um Mercedes. Não é assim que usamos a palavra prosperidade aqui.

A prosperidade aqui significava que talvez seus animais produzissem mais do que outros ou que você pudesse ter uma colheita abundante. Mas não é rico. É prosperidade no sentido de que você está sendo capaz de sobreviver.

Em segundo lugar, a área da longevidade. Se a idade média fosse para morrer, algo entre 45 e 50 anos, você queria descobrir como viver mais. Afinal, você pode olhar aqui para um vizinho e esse vizinho pode ter 65 anos.

Pelos padrões antigos, isso seria incomum. Então você olha e fala que um vizinho meu aqui, olha quantos anos ele tem. Nem sabemos ao certo se eles acompanharam seus anos, quantos anos.

Mas suponhamos que ele soubesse que seu vizinho tinha 67 anos. Ele pode olhar para isso. Claro, ele veria que a forma como pensamos sobre tudo hoje é científica.

Diríamos, bem, ele tem bons genes. Ou ele cuidou de si mesmo. Bem, isso não é divertido.

Ele comeu direito ; ele se exercitou e correu pelas encostas das montanhas. Veja, no mundo deles, eles teriam encarado isso como se os deuses lhe tivessem concedido aquela vida longa. Então, imagine isso, enquanto no meu mundo eu tendo a entrar na minha psique, não do jeito que eu deveria falar, mas dentro da minha psique do jeito que eu falo.

Então, eu me considero um stick boy. Este sou eu. Então, quando penso no meu bem-estar, penso em termos científicos.

Eu penso em mim mesmo perdendo 20 quilos, talvez 30. Eu penso em mim mesmo como um exercício ou todos os tipos de coisas ruins vão acontecer mais cedo ou mais tarde. Penso em coisas que devo evitar.

Eu não fumo cigarros. Eu não uso drogas. Penso em coisas que deveria evitar.

Você vê como estou pensando no meu bem-estar? Estou pensando em categorias modernas. Quando vou ao médico, embora eu tenha um médico cristão, minha esposa tenha um médico cristão, eu não vou ao meu médico e digo: ah, doutor, qual é o segredo de Deus me dar vida longa? Vou ao meu médico e, embora ele seja cristão, ele me diz para comer bem, fazer exercícios e orar por bons genes. Não, ele não diz isso.

Vê como penso dentro de mim? Eu penso dentro de mim completamente. Eu realmente tenho que me lembrar da verdade de que hoje posso morrer no caminho para casa em um acidente de carro. Eu tenho que me lembrar disso.

Acho que estou no controle. Ok, pessoal, eles sabiam que não estavam no controle. Que diferença fenomenal na maneira como eles pensavam.

Eles sabiam que não estavam no controle e, portanto, seu conceito era 100% orientado para o céu. Lembra da estrela? Eles entenderam que o segredo da prosperidade e da longevidade eram os deuses. OK? Assim, por exemplo, para eles, penso na medicina como o caminho para prosperar, uma boa medicina.

Eles pensavam em termos de divindade. Veja, o que estamos apontando é que, desculpe-me, em sua cultura, eles viam a prosperidade, a longevidade e as coisas boas como algo completamente pertencente ao reino e ao domínio dos deuses. Tudo bem? Não posso exagerar o quão importante é.

Quando você lê o Antigo Testamento, é assim que Deus fala com eles: Se vocês guardarem as minhas leis, eu lhes darei boas colheitas, protegerei suas colheitas de doenças nas colheitas e enviarei chuva. Em outras palavras, Deus fala com eles nessas categorias.

É interessante quando você chega ao Novo Testamento, você não tem muito disso, mas tem isso em todo o Antigo Testamento. Tudo bem? Então o que estamos apontando é o fenômeno de que tudo vem dos deuses, bons ou maus. Então o que isso os levou a lidar foi esse fenômeno, causa-efeito.

Isso os levou a concluir este importante fenômeno de que para todo efeito deveria haver uma causa. OK? Em outras palavras, embora eles possam ter em algum momento de seu pensamento adotado o conceito que você e eu conhecemos chamado de acaso, usamos a palavra acaso, eles teriam pensado em termos de causa-efeito. Então isso fez religião para eles. Espero que todos vocês estejam acompanhando isso porque não posso responder às suas perguntas, mas isso os fez pensar na religião como algo funcional porque a religião poderia desencadear a causa para obter o efeito desejado.

Assim, o efeito desejado é prosperidade, fertilidade e longevidade. A religião pode desencadear essa causa, e então aqui está o grande problema da religião: qual é a causa? Podemos nós, como humanos, funcionar de tal forma que possamos criar a causa que produz o efeito desejado? Veja como isso é diferente da religião aqui no Ocidente nesta época? Sua funcionalidade foi projetada para realizar ativamente o que os humanos não conseguem obter naturalmente. Então, tudo o que a religião precisa fazer é responder à pergunta: Marcos, qual é a causa? O que faz com que os deuses ajam em nosso favor? O que é necessário para fazer com que os deuses ajam em nosso favor? Você tem que lembrar que no mundo antigo todos pensavam da mesma maneira, até onde sabemos. Os deuses eram caprichosos. Eles não se importavam com você, não se importavam se você estava doente ou saudável, não

se importavam se você estava com fome ou saciado, os deuses eram caprichosos, eles viviam na terra dos deuses lá em cima.

Então, no pensamento deles, o que buscamos é tentar fazer com que os deuses respondam às suas necessidades e isso foi realmente um ponto de interrogação para o qual não havia uma resposta única. O que vimos é que parte da resposta deles era que um homem sagrado para o rei era tão santo que sua atividade pudesse produzir o efeito desejado. Então isso é parte do que vimos é o lugar único que o rei poderia ter, e se assim posso dizer, vemos isso um pouco nas páginas do Antigo Testamento porque claramente temos casos, especialmente, acho que no reinado de David, onde David faz um censo contra a vontade de Deus, e 100.000 pessoas morrem.

David faz coisas boas e Deus permite-lhe conquistar o seu mundo. Então, o rei, mesmo na Bíblia, há casos em que o rei pode provocar o bem ou o mal dependendo das ações do rei. Então, aqui está parte do que passamos todo esse tempo até agora, mostrando como vemos essa evolução da realeza de alguém que é mais como um governador para alguém que é um deus encarnado como Shulgi .

O que tem acontecido é que o rei, século após século após século, tem recebido mais centralização na forma como a religião funciona, e assim esta união sexual entre o rei e Ishtar torna-se então a chave ou uma das principais chaves para a religião naquilo que é suposto realizar. É aí que estamos no reinado de Shulgi . O rei assumiu esta posição.

Agora, há outras coisas que posso contar sobre isso e não tenho certeza de quanto tempo nos resta, mas o que queremos focar a seguir são os fenômenos do que chamaremos de magia. Ao usar o termo magia, vivo em um mundo onde penso em David Copperfield. Penso em caras que ganham a vida praticando Houdini, fazendo coisas que parecem desafiar as leis pelas quais vivemos.

A maioria de nós sabe que não há nada sobrenatural. A maioria de nós sabe que é uma trapaça. É um engano visual e gostamos porque é bom.

Está bem feito. Essa é uma compreensão moderna do termo. Esse não é o entendimento antigo.

O que sabemos sobre o entendimento antigo é que eles acreditavam na intersecção do divino e do humano quando a magia poderia ocorrer. Mas lembre-se do que estamos dizendo é como. Como isso funciona? Essa é a questão sobre a religião que permeia o mundo antigo.

Raramente, não estou dizendo, nunca, mas raramente foi projetado para falar com o seu ser estético interior. A religião foi projetada para funcionar para você. Então, isso está ao nosso redor, é claro, até hoje.

E provavelmente acabarei trabalhando um pouco mais nisso em nossa próxima palestra. Mas, em termos freudianos, havia um totem mágico. Em outras palavras, a mágica pode acontecer se for feita pela pessoa certa e da maneira certa.

Os estudiosos às vezes se referem a isso como magia simpática. A magia simpática é um fenômeno psicológico onde as pessoas realmente acreditam que um representante do que você deseja que aconteça quando dotado de magia pode fazer coisas mágicas acontecerem. Quem do nosso público nunca ouviu falar de feitiçaria de magia negra? Assim, por exemplo, você cria uma imagem do que você quer que aconteça, muitas vezes prejudicial, e então você diz palavras mágicas sobre a imagem, e então você destrói a imagem.

Talvez você enfie alfinetes nele ou apenas esmague-o ou algo assim. Isso cria magicamente o efeito desejado. Vemos isto em todos os lugares como África e Haiti, onde este tipo de fenômeno existe até hoje.

Mas posso dizer-lhe que também era conhecido em todo o antigo Oriente Próximo. O que a religião precisava era de um totem mágico e é aí que estamos agora na história da humanidade. O rei é o totem mágico.

Ele é a imagem viva que pode trazer prosperidade ao seu povo. Há um preço alto a ser pago por esse tipo de centralização porque, em algum momento ou outro, ficará evidente que o rei não está trabalhando. Os antigos, fossem lá o que fossem, não eram estúpidos.

Eles podiam ler as coisas com clareza e, desde que o rei conseguisse convencer seu povo de que ele estava sendo eficaz como agente mágico, então ele os teria. Mas quando ficou claro que não estava funcionando e que eles não estavam experimentando prosperidade e assim por diante, então o rei perdeu dinheiro. Assim, temos o lugar único que o rei ocupava na religião do mundo antigo desta época, mas é também uma janela para o mundo do pensamento de cada pessoa que viveu nesta época.

Magicamente, você poderia trazer os deuses até você e ir até eles por meio de um totem. Mas não consigo enfatizar o suficiente o fato de que era funcional, pelo que posso ver, de forma alguma, como a maneira como fazemos esse tipo de coisa em nosso mundo religioso hoje. É... Então, em cada caso que houve um evento, tinha que haver uma causa.

E então, a ideia era tentar descobrir qual é a causa então. Se meu vizinho aqui teve uma ótima colheita e eu não, há uma causa. Eu tenho que descobrir o que posso trazer.

Então, o que o paganismo representa em sua essência, e este é provavelmente o último pensamento que iremos divulgar hoje ou pelo menos nesta palestra, é que os seres humanos estão no controle. O que a Bíblia deixa bem claro é que Deus está no controle. Isso pode nos trazer algumas conclusões preocupantes se o que nos aconteceu for indesejável ou aparentemente ruim.

Mas o que Deus faz é nos dizer que, na verdade, sou o agente da causa. O que o paganismo diz, basicamente, é que você, como humano, está no controle dos deuses. Isso é, para mim, muito profundo.

O paganismo diz que você está no controle dos deuses porque pode manipulá-los para fazer o que quiser. Você só precisa saber o que Deus quer. Como pode o deus ficar satisfeito? Como o deus pode ser comprado? Como você pode irritar o deus? O que... você sabe... Então, no paganismo, temos palavras-chave como controle, manipulação e magia.

E assim, no paganismo, no pensamento do paganismo, você pode manipular os deuses e, portanto, controlar o resultado. No pensamento cristão, o que vemos é que Deus é a fonte de todo o bem e que somente pela obediência e pela confiança podemos receber a sua bênção. Então, penso que esta é uma das questões centrais com que lidamos na religião pagã.

Ao iniciarmos nossa próxima palestra, faremos um aquecimento de três minutos sobre essa área temática e depois passaremos para alguns outros exemplos de como isso funciona nas culturas e no pensamento contemporâneos. Mas talvez este pareça um bom lugar para terminar esta palestra. Muito obrigado pela sua atenção.

Este é o Dr. Don Fowler em seu ensinamento sobre os antecedentes do Antigo Testamento. Esta é a sessão 5, Filosofia Religiosa do Paganismo.